

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

A NECRÓPOLE ROMANA DA QUINTA DE MARIM (Oihão)

A onomástica enquanto índice sociocultural



FARO - 1992

A NECRÓPOLE ROMANA DA QUINTA DE MARIM (Olhão)

A onomástica enquanto índice sociocultural

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO (Universidade de Coimbra)

RESUMO:

A necrópole da *villa* romana da Quinta de Marim (*Conventus Pacensis, provincia Lusitania*) forneceu monumentos epigráficos cujo estudo se reveste do maior interesse do ponto de vista sociocultural.

Trata-se dum conjunto de dezassete epitáfios (7 estelas, 5 aras, 4 *cupae*, 1 de tipologia desconhecida), provavelmente de finais do século II da nossa era, em que se identificam 20 pessoas – 19 mortos, 1 dedicante –, cuja maioria detém apenas um único nome (9 *cognomina* latinos e 7 gregos), o que nos permite incluí-las num meio servil.

A menção da idade é feita habitualmente (15 vezes) com muito pormenor (*annis, mensibus, diebus*) precedida de *vixit* (17 vezes). Vêm indicadas as fórmulas funerárias finais, mas seis em onze vezes o *lapidarius* não as logrou compreender inteiramente, dado que apresenta versões verdadeiramente bizarras (o que poderá interessar também aos paleógrafos); outros erros há que documentam o seu eventual analfabetismo.

A presença duma decoração abundante e requintada bem como a atribuição de nomes como *Romulus, Patroclus, Calemera, Diodora, Troilus, Dionysianus, Tyche, Chrysantus...* atestam, por outro lado, um nível de cultura a ter em conta.

RÉSUMÉ:

La nécropole de la *villa* romaine de la Quinta de Marim (*conventus Pacensis, provincia Lusitania*) a fourni des monuments épigraphiques dont l'étude porte le plus vif intérêt du point de vue socioculturel.

Il s'agit d'un ensemble de dix-sept épitaphes (7 stèles, 5 autels, 4 *cupae*, 1 de typologie inconnue), probablement de la fin du 2^{ème} siècle, sur lesquels s'identifient 20 personnes – 19 morts, 1 dédicant –, dont la majorité ne portent qu'un seul *cognomen* (9 *cognomina* latins et 7 grecs), ce qui nous permet de les inclure dans un milieu servile.

La mention de l'âge est d'habitude (15 fois) très détaillée (*annis, mensibus, diebus*) précédée de *vixit* (17 fois), les formules funéraires finales sont indiquées, mais six fois sur onze le *lapidarius* ne les a pas tellement comprises, puis qu'il en donne des versions vraiment bizarres (ce qui intéressera aussi les paléographes); d'autres erreurs font l'épreuve de son éventuel analphabétisme.

La décoration abondante et recherchée ainsi que l'attribution de noms comme

Romulus, Patroclus, Calemera, Diodora, Troilus, Dionysianus, Tyche, Chrysantus...
attestent, d'autre part, un niveau de culture duquel on doit se tenir compte.

1 - INTRODUÇÃO

1.1 Características arqueológicas do sítio

A Quinta de Marim é um sítio arqueológico romano que se situa na freguesia de Quelfes, concelho de Olhão, junto à costa algarvia, entre as antigas cidades romanas de *Ossonoba* (Faro) e de *Balsa* (nos arredores de Tavira).

A primeira notícia que dele se tem data de finais do século XVIII: refere-se ao achado de cem moedas de ouro do tempo do imperador romano Honório (395-423), segundo informação colhida por Maria Luísa Estácio da Veiga Afonso dos Santos no segundo suplemento à "Gazeta de Lisboa" (n.º 43, de 27 de Outubro de 1786).

É, aliás, esta investigadora que, na obra *Arqueologia Romana do Algarve* (vol. II, Lisboa 1972, pp. 249-277), traçou, até ao momento, o historial mais completo deste importante sítio do território olhanense, demorando-se, inclusive, na descrição do que dele resta conhecido : os vários edifícios, o possível templo, o balneário, a necrópole e respectivo espólio, as inscrições romanas e cristãs...

Assim, foi seu bisavô, Estácio da Veiga, que, em 1877, identificou o local e aí procedeu, pela primeira vez, a sondagens arqueológicas. Desses trabalhos nunca chegaria a publicar um relatório exaustivo, embora tenha dado conta dos aspectos mais salientes das ruínas nas suas *Antiguidades Monumentaes do Algarve* (vol. II, Lisboa, 1887, pp. 390-392). Eshoçou, no entanto, cinco plantas das estruturas então postas a descoberto, plantas que Maria Luísa Afonso dos Santos viria a editar, não sem confessar a dificuldade em reconhecer no terreno (já em 1966, quando o visitou) essas mesmas estruturas arquitectónicas.

Anos mais tarde, em 1874, nova intervenção arqueológica é feita no local, agora por iniciativa de Santos Rocha, que encontrou, entre outros vestígios, mais quatro estelas funerárias romanas em reaproveitamento.

A ausência de escavações sistemáticas – de cujo elevado interesse já Luísa Afonso dos Santos se fizera eco¹ – impede que determinemos com segurança as características do sítio.

Estácio da Veiga chegou a aventar a hipótese de estarmos perante a *Statio Sacra*, povoação antiga que um manuscrito italiano situava precisamente entre *Ossonoba* e *Balsa*. Tal identificação é, porém, como demonstrou Leite de Vasconcelos (in *Religiões da Lusitânia*, II, Lisboa, 1905, p. 198), bastante problemática.

A Quinta de Marim poderá ter sido, preferentemente, um *vicus*, ou seja, uma pequena povoação, ou mesmo uma simples *villa*, propriedade senhorial centro de importante exploração agrária, com interesses comerciais também, durante longo tempo habitada, pois que apresenta vestígios datáveis não só do tempo dos Romanos como ainda da época visigótica.

(1) "Só umas escavações metódicas e exaustivas poderiam salvar os restos destes notáveis edifícios, e esclarecer o significado destas ruínas" (o. c., p. 266.)

Por outro lado, apesar do trabalho de síntese já feito por Luísa Affonso dos Santos, interessaria efectuar o estudo completo de todos os materiais exumados e hoje espalhados pelos museus de Faro (Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique), de Lisboa (Museu Nacional de Arqueologia) e da Figueira da Foz (Museu Municipal do Dr. Santos Rocha) e inclusive em colecções particulares.

1.2 A epigrafia de Marim, uma visão de conjunto

De todas as peças recolhidas, interessam-nos agora, de modo particular, os monumentos epigráficos, dado que ilustram bem a relação entre a epígrafe e a população que a produziu. De resto, o caso da Quinta de Marim é, deste ponto de vista, deveras significativo, atendendo ao facto de estarmos perante um número significativo de inscrições conhecidas de um sítio geograficamente delimitado.

Trata-se de um conjunto de dezassete epitáfios (sete estelas, cinco aras, quatro cupas e um monumento de tipologia desconhecida), provavelmente de finais do século II da nossa era, em que se identificam vinte pessoas - dezanove mortos e um dedicante - cuja maioria apenas se identifica através do *cognomen* (nove *cognomina* latinos e sete gregos), o que nos permite inclui-las num meio servil.

A menção da idade é, habitualmente (quinze vezes), muito pormenorizada (*annis, mensibus, diebus*), precedida de *vixit* (dezassete vezes). São indicadas as fórmulas funerárias finais, mas seis vezes em 11 o *lapidarius* não as compreendeu inteiramente, dado que delas apresenta versões verdadeiramente bizarras (o que despertará também o interesse dos paleógrafos); outros erros documentam o seu eventual analfabetismo.

A decoração abundante e requintada bem como a atribuição de nomes como *Romulus, Patrocius, Calemera, Diodora, Troilus, Dionysianus, Tyche, Chrysantus...* atestam, por outro lado, um nível cultural que se deve ter em consideração.

A questão que proponho é a seguinte:

Poder-se-á considerar a epigrafia -e, dentro da epigrafia, a onomástica - um importante índice sociocultural?

2. OS MONUMENTOS

Vejam os, mais em pormenor, as características assinaladas. Em primeiro lugar, a tipologia e a decoração.

A estela de *Troilus* (IRCP 53)², guardada no Museu Nacional de Arqueologia (Nº E 6386) apresenta frontão triangular com uma pinha em baixo-relevo ao meio. As fórmulas funerárias são as clássicas. O defunto, Troilo de seu nome, *vixit annis XXX mensibus IV*, ou seja viveu trinta anos e quatro meses.

A estela de *Paullianus* (IRCP 51), exposta no museu de Faro (nº 23), mostra igualmente um frontão bem moldurado, uma rosácea no eixo central. Duas outras rosáceas decoram o espaço destinado à inscrição. Não temos a certeza do nome

(2) IRCP = ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984. 53 é o número da inscrição no catálogo. As inscrições da *Quinta de Marim* são aí exaustivamente estudadas nas pp. 81-101.

do defunto- parece-nos, de facto, Pauliano- mas sabemos que morreu com apenas dezasseis anos e cinco meses.

A rosácea constitui, efectivamente, um dos elementos decorativos típicos dos monumentos epigráficos de Marim. Vamos encontrá-la em, praticamente, todos eles.

Mas, além das estelas funerárias individuais, destinadas a identificar, à cabeceira, quem ali estava sepultado, acharam-se também na necrópole romana da Quinta de Marim estelas duplas, isto é, comemorativas de dois defuntos, assinalando, por conseguinte, a sua sepultura em comum, sem que, no entanto, seja explicitado o seu eventual grau de parentesco. Isso se passa, nomeadamente, em relação a *Tyche* e a *Herennianus*, ela falecida aos vinte anos e dois meses, ele falecido aos vinte e cinco anos e três meses. É um monumento guardado no museu de Faro (n.º 22)- IRCP 54.

Dyonisianus e *Maritima* tiveram igualmente sepultura comum e valerá a pena repararmos na relativa elegância que ressalta do seu epitáfio (IRCP 45, museu da Figueira da Foz, n.º 4224), também ele com frontão e rosáceas, estando o campo epigráfico ladeado por colunas de estilo coríntio, a fazer lembrar a frontaria de um edifício sumptuoso (foto 1).

Essa mesma reminiscência arquitectónica ressalta numa outra estela do mesmo museu (n.º 4223) que memora *Patricia* e *Patricius* (IRCP 49), de linhas elegantemente clássicas e rosáceas muito bem delineadas (foto 2).

Mas a exuberância decorativa dos artefactos romanos da Quinta de Marim está patente, de forma eloquente, numa ara funerária (IRCP 55), de que infelizmente só nos resta a parte superior - com o início da inscrição: D. M. S., *consagrado aos deuses Manes*, - e que se encontra no museu de Faro (n.º 15). Já tive oportunidade de a ela me referir por ocasião do IV Congresso Nacional de Arqueologia, realizado em Faro (Maio de 1980) ³, mas valerá a pena determo-nos na sua observação.

No frontão, um baixo-relevo representa uma ave (águia?), símbolo de eternidade (cuja reprodução denota já um bom conhecimento da mitologia romana), ladeada de rosáceas. O campo epigráfico está, também aqui, limitado por pilastras. Na face lateral esquerda, foi decerto esculpido o jarro das libações funerárias (resta o gargalo e a boca). Do lado direito, uma grande pátera - outro dos vasos rituais -, de cabo para baixo, ladeada por dois "cilindros" cujo simbolismo se desconhece. Na face posterior, uma riqueza impressionante: ao centro, uma rosácea multipétala; de cada lado, a parte de cima de uma coluna (ou de uma ânfora?) a sustentar um friso com (da esquerda para a direita) uma folha lanceolada, um fruto arredondado (romã?) e um cacho de uvas (símbolo também de eternidade).

Um outro tipo de monumento funerário da necrópole romana de Marim é a chamada *cupa*, ou seja, uma peça maciça que lembra uma pipa (*cupa*, em latim) que os Romanos colocavam sobre a sepultura. A *cupa* de Diodora, que morreu com vinte

(3) Cf. *Reflexões sobre a epigrafia romana de Ossoneba*, "Conimbriga" 23 1984 pp. 5-18, foto 6. reproduzido, com alterações de actualização, nos "Anais do Município de Faro" 15 1985 pp. 125-132.

e cinco anos (IRCP 44), é um monumento simples, sem qualquer decoração; e, para conter o epitáfio, o lapicida limitou-se a escavar pequeno quadrado junto a um dos topos (Museu Nacional de Arqueologia, nº E 6401).

O mesmo se não dirá, porém, da cupa de Patrícia (IRCP 50), um dos monumentos mais interessantes, do ponto de vista estético, de toda a epigrafia romana do Sul da antiga Lusitânia (foto 3). Os arcos das aduelas foram representados, três a três, em relevo, junto aos topos e no meio. As rosáceas aparecem aqui e ali, curiosamente ladeadas de dois pares de elementos decorativos cilíndricos cujo significado nos escapa. A inscrição está num quadrado como que emoldurado por uma corda. O próprio topo da cupa se encontra decorado como se fora enorme corola.

Conclusão:

Podemos, pois concluir que existiu em Marim, no século II da nossa era, uma oficina lapidar romana, significativamente bem caracterizada pela exuberância e pelo cuidado posto na decoração dos monumentos, numa assinalável obediência às regras clássicas da mais requintada arte funerária. O calcário local trabalhava-se com facilidade e os lapicidas romanos aproveitaram-se às mil maravilhas desta excelente oportunidade.

Mas se, por outro lado, atentarmos na ressonância erudita que dimana da atribuição dos nomes aqui atestados – *Calemera, Chrysantus, Diodora, Dionysianus, Romulus, Troilus, Tyche...* –, retirados do vocabulário grego ou ligados a figuras mitológicas, somos tentados a concluir que quem fez os monumentos e atribuiu os nomes detinha já, sem qualquer sombra de dúvida, um importante estatuto cultural.

3. OS TEXTOS

Mas examinemos de novo, e mais de perto, três dos textos como exemplo. No epitáfio de Patrícia (IRCP 50 – foto 4), lê-se, na última linha:

S T B TRIBS

Aparentemente, estas siglas não se enquadram em qualquer dos formulários latinos vulgarmente conhecidos na epigrafia funerária. Pensamos, no entanto, do mesmo modo que Scarlat Lambrino que viu aí uma interpretação desajeitada da habitual fórmula sepulcral

S. T. T. L.

ou seja, em desdobramento:

S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)

«Que a terra te seja leve!»

que lhe fora apresentada em siglas ou mesmo por extenso, mas em cursivo, e que o lapicida não conseguiu mais do que entender assim:

S(i) T(i)B(i) T(er)R(a) L(e)B(i)S

Idêntico caso se terá passado com o epitáfio de *Maritima* e Dionisiano já referido (IRCP 45 - foto 5). A paginação está verdadeiramente mal pensada. Omitiu-se, por lapso, o segundo l da palavra VIXIT. E, depois da indicação da idade com que cada um faleceu, lemos, em ambos os epitáfios:

DVDINITLTTL

D V pode significar duas coisas. A interpretação D(*iebus*) V (*quinque*) isto é, "cinco dias", a completar a idade com que haviam falecido, encontraria apoio na paginação feita no epitáfio da direita, onde parece estar mais ligada ao numeral dos anos que ao resto da fórmula. No entanto, estranha-se que ambos tivessem tantos anos e cinco dias. De modo que se torna mais verosímil ver aí a exortação D(*ic*) V(*iator*) - «diz, ó viandante» - a preceder o tradicional voto *sit tibi terra levis*, «que a terra te seja leve!», aí representado nas misteriosas siglas gravadas.

Finalmente, a estela de Patrícia e de Patrício, cujo classicismo estético já salientei (IRCP 49 - foto 6). O texto ocupa somente a metade superior do campo epigráfico, o que se compreende se pensarmos que deveria ser lido de um nível superior. De qualquer modo, as linhas pendem nitidamente para direita, a denunciar a posição do lapicida face à pedra no momento da gravação.

Mas não é somente aí que temos reparos a fazer: lemos *Patricia*, mas não é essa a palavra que está escrita, e sim *Patrlcia* (com um L após o R). A pontuação não existe ou, pelo menos, o *ordinator* (encarregado da paginação) não previu os necessários espaços em branco para separar as palavras. Apercebemos-nos, portanto, que o gravador (ou o *ordinator*) nada compreendeu do que estava a escrever.

No epitáfio da direita, os erros repetem-se: IATRICIVS, em vez de PATRICIVS; a idade indicada é mais XCIII do que XLIII (mais verosímil). E o epitáfio termina com siglas deveras fora do comum:

P I S P I

Para as três primeiras letras, podemos sempre pensar em P(*ius*) I(*n*) S(*uis*) - «piedoso para com os seus» - que é expressão de louvor, comum em textos funerários; mas como interpretar P I ? Será P(*oni*) I(*ussit*), «mandou colocar»? Quem?

Conclusão

Que conclusão tirar, pois, de todas estas observações?

Existe, na verdade, uma evidente contradição entre, por um lado, a boa qualidade estética do monumento em si, enquanto suporte epigráfico bem cuidado, e a manifesta erudição (ou cultura, **preferir) documentada na escolha dos nomes e, por outro lado, os *lapidarii* efectivamente desajeitados (ousaríamos dizer, analfabetos) que tentaram passar para a pedra a banal mensagem funerária.

Estaríamos, por conseguinte, tentados a distinguir, na epigrafia romana da Quinta de Marim, dois níveis culturais:

- o da civilização material, facilmente adquirida, como o atesta a perfeição física dos monumentos;
- e o nível cultural propriamente dito, o domínio da língua latina, do formulário, em suma, a alfabetização.

E é também por isso que podemos facilmente pensar na coexistência- aqui, na Quinta de Marim, como decerto também noutras paragens do Império Romano- de dois universos culturais: o dos *domini* e o dos *servi*. De momento apenas dispomos dos epitáfios dos segundos; os proprietários teriam os seus mausoléus, ainda por descobrir.

Aqui está como a relação entre a adopção de certos nomes e o monumento epigráfico (texto e decoração) nos pode fornecer elementos preciosos como índice fiel de um determinado quadro sociocultural.

Adaptação portuguesa da comunicação L'onomastique autant qu'indice socioculturel: l'exemple de la nécropole de Quinta de Marim (Lusitania), apresentada ao IX Congresso Internacional de Epigrafia Grega e Latina, realizado em Sófia (Bulgária), de 31 de Agosto a 6 de Setembro de 1987.

O texto esteve para ser publicado pela Câmara Municipal de Olhão, que amavelmente subsidiara a minha participação no congresso; contudo, as dificuldades financeiras resultantes das inundações impediram que tal desiderato se concretizasse (Ofício nº 3596, de 1990-07-16, da C. M. O.). Agradeço ao Dr. Libertário dos Santos Viegas a aceitação do texto para os "Anais".

Nota da direcção. Rigorosamente, este texto está fora da temática dos "Anais". É todavia admitido por a "Quinta de Marim" ter sido, desde o princípio "cliente" do Museu de Faro, onde tem larga representação, e o Dr. José d'Encarnação um velho colaborador. (P.R.)

As fotografias são de Delfim Ferreira (n.ºs. 1, 2, 5 e 6) e de Guilherme Cardoso (n.ºs. 3 e 4).



Foto 1 - A estela de Dionysianus e Maritima



Foto 2 - A estela que memora Patricia e Patricius

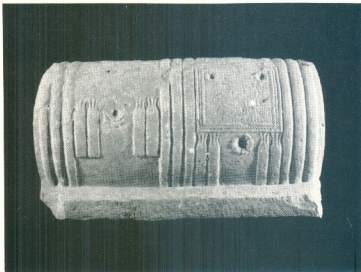


Foto 3 - A cupa de Patricia



Foto 5 - O epitáfio de *Diocletianus e Maritima*
(pormenor do monumento representado na foto 1)



Foto 4 - Texto da epígrafe em honra de Patrícia



Foto 6 - Os epítafios de Patrícia e de Patricius
(pormenor do monumento da foto 2)